

De: Adriano M. Branco  
26 de abril de 2011

Prezado Bresser Pereira

Notável o seu artigo "*China, 32 anos depois*". Você foi claro e preciso, trazendo-nos informações que freqüentemente o "*mercado*" filtra.

Quero aproveitar para sugerir a você, que tem competência para isso, uma mudança nesse conceito de mercado. Você diz que a China desenvolveu-se com base no Estado e, depois, com base no Mercado. A expressão "*com base*" livra-nos da camisa de força do mercado, como o entendemos. O mundo de hoje, principalmente a partir da aventura neoliberal só vê dois caminhos: o Estado e o Mercado. Ambos tratados como poderes absolutos. Por isso ficou tão difícil, para os neoliberais, entender um "*meio estado*", como são as concessões de serviço público. Assim, eles admitiram a fórmula absurda da determinação das tarifas mediante regras de mercado, do que resultou essa monstruosidade, que são as concessionárias, ganhando quanto querem e prestando os serviços mais caros e mais reclamados do mundo.

Quando falamos em mercado, estamos admitindo todas as falcatruas que ele acolhe e que levaram o mundo à crise de 2008. Em nome da economia de mercado, os norte-americanos empobreceram as classes mais baixas, para transferir recursos aos bancos, indústrias e magnatas, como mostra Stiglitz em seu livro "*O Mundo em Queda Livre*".

Controle pelo Estado não é estatização, como competição econômica não é regra do mercado absoluto. O que se vê na China, penso eu, é uma certa abertura para o mercado (ou com base no mercado), sob controle do Estado, onde ele seja necessário. Não é mais o monopólio do Estado, que foi necessário à reconstrução de sua economia, como o foi também na Rússia e até em Cuba.

Mas nas nossas discussões, no Brasil, ou se é pelo Estado, ou se é pelo Mercado. Assim como nos querem convencer que a liberdade de expressão deve ser ampla, irrestrita, envenenando o espírito da juventude com a prática sem limites da difusão de comportamentos deletérios, por vezes criminosos.

Acho que precisamos retomar a discussão do Papel do Estado, para colocar nos trilhos vários disparates que o Brasil adotou, em parte por que não conseguimos frear certas transformações. Haja vista a alteração que se fez na Constituição de 88, para **doar** aos concessionários da exploração dos recursos minerais o produto dessa exploração, tido como propriedade da União até então.

Receba meus cumprimentos,

Adriano

De Luiz Carlos Bresser-Pereira  
28 de abril de 2011

Caro Adriano

Muito obrigado pelo e-mail. Você tem toda a razão em relação ao problema do Estado e do Mercado. O Estado é a lei, é a ordem jurídica, e a organização que a garante. Por isso, é a instituição principal que coordena ou regula as ações de uma sociedade nacional. O mercado é outra instituição que funciona muito bem sob duas condições: que haja concorrência e que o mercado esteja bem regulado. Ao invés de pensar nesses

termos, os neoliberais partiram do princípio de que "no princípio era o mercado". E, a partir daí, aproveitaram-se para ganhar milhões com as concessões de serviços públicos monopolistas ou quase-monopolistas. Um escândalo.

Se você não tiver objeção, vou colocar no meu site seu e-mail.

Um abraço cordial, Bresser